

FLO MENEZES

PAN [1985-1986]

poema sinfônico, sinfonia
e capriccio para orquestra

– estréia mundial –

Realização definitiva dos sons
eletroacústicos: *Studio für elektronische
Musik* de Colônia, 1986-1987.

intervalo

KARLHEINZ STOCKHAUSEN

HYMNEN MIT ORCHESTER [1967-1969]

para sons eletroacústicos
e orquestra

– estréia latino-americana –

Realização dos sons eletroacústicos:
Studio für elektronische Musik da WDR
de Colônia.

Difusão Eletroacústica:

FLO MENEZES e BRYAN WOLF

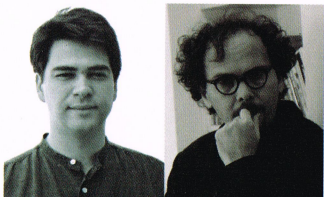
Assistentes Técnicos: MARCELO

NICOLINO e MARCOS PANTALEONI

PUTS: PANaroma/Unesp – Teatro Sonoro

PEDRO AMARAL *regente*

PEDRO AMARAL e FLO MENEZES



Escrita há exatos 20 anos, aos meus 23 anos, *Pan* demarca o final de minha “primeira fase” criativa e traduz-se como um manifesto de amor e obsessão pelo mito de Pã, tão fortemente ligado à música. Amante de Eco, Pã se vê traído quando esta se apaixona por Narciso, que por sua vez ama sua própria imagem. Igualmente amante da Lua, de onde tudo vê com sua visão *panorâmica*, Pã inicia difícil empreitada pela recuperação de seu amor, oscilando entre amor e fúria, condição condizente com sua constituição meio humana, meio animal. Fugindo de Pã, Eco desliza pelos vales, e os gritos de Pã afugentam até mesmo suas Ninfas, que, surpresas, são acometidas pelo *terror pânico*. Eco procura disfarçar-se em caule, mas Pã, que tudo vê, percebe o disfarce, arranca os caules da terra e assopra forte, buscando a voz de sua amada. Surge, então, a flauta de Pã. A música é associada, assim, à visão totalizante, panorâmica e ao mesmo tempo pânica, em procura de eco. Nada mais apropriado para servir-me de imagem, na época, à minha

situação como jovem compositor da vanguarda. Em *Pan*, tudo pode tornar-se música. Eventuais interferências “não-musicais” são resgatadas pelo artesanato da escritura orquestral. Os quatro movimentos narram episódios do mito, e o último conjuga orquestra e sons eletroacústicos, consistindo em meus primeiríssimos passos na odisséia eletroacústica. Nele, invento uma nova forma musical – *forma-pronúncia* – pela simulação de uma pronúncia dilatada no tempo da própria palavra *Pan*. Ao estender-se no tempo, a palavra deixa de ser palavra e torna-se pura textura sonora, transformando a morte do mito na própria ressonância de seus pensamentos. O eco que se busca é, então, encontrado. Trotsky, o maior dos revolucionários do século XX, é aqui homenageado.

Quanto a *Hymnen* de Stockhausen, trata-se de um monumento da Música Nova. Originalmente concebida, em 1967, como música eletroacústica pura com uma duração de quase 2 horas, a obra ganhou versão mais curta com solistas no ano seguinte e, em 1969, outra versão com

orquestra. Stockhausen recorre às músicas que, segundo afirma, são as mais conhecidas do mundo pelos distintos povos: os hinos. Realiza, assim, uma verdadeira cruzada musical pelo globo, apropriando-se e transformando em estúdio os mais distintos hinos dos mais distintos países – em *Hymnen com Orquestra* ouve-se o brasileiro –, numa das mais radicais obras da segunda metade do século XX. Abrangendo desde o Hino da Terceira Internacional Comunista até o Hino Nazista, a obra causou acirrada polêmica, como se estivesse querendo trazer de volta a imagem do Nazismo. Mas sempre foi assim com quase tudo que fez Stockhausen: ao afirmar recentemente, com razão, que o atentado de 11 de setembro nos EUA foi a obra de arte luciferiana mais genial que viu, esqueceram-se do adjetivo “luciferiano” (relativo ao diabo) para se afirmar que Stockhausen estaria se vangloriando das vítimas inocentes. Felizmente, no entanto, Stockhausen continua vivo, atuante e, claro, provocador, brindando-nos sempre com sua radicalidade!

[FLO MENEZES]